



INCLUSÃO NO CURSO PIPAS/UFF: UMA EXPERIÊNCIA COM UMA CURSISTA COM DEFICIÊNCIA VISUAL NA PANDEMIA

Francisco da Silva Alves¹

Nilza Martins²

Resumo: O presente artigo apresenta um relato de experiência sobre a inclusão no curso de extensão em Pedagogia Social para o século XXI, do grupo PIPAS/UFF em tempos de pandemia. E tem como objetivo refletir sobre o processo de inclusão no curso durante as atividades desenvolvidas por uma cursista com deficiência visual. Para tanto, foi necessário buscar alternativas que viabilizasse a sua participação e permanência no curso. E através do relato de suas dificuldades, foi possível pensar juntos a melhor forma de realizar as atividades propostas, com maior flexibilidade. A metodologia foi um estudo de campo e pesquisação, através de observações durante as postagens dos conteúdos mensais no grupo de Whatsapp, bem como o apoio do referencial teórico utilizado nesse período. Os resultados foram satisfatórios, apesar dos grandes desafios encontrados desde o início, pois o processo de inclusão ainda carrega várias lacunas que precisam ser compreendidas a fim de garantir melhorias na educação inclusiva, não apenas nas escolas mas na universidade e nos cursos de aperfeiçoamento e formação continuada.

Palavras-chave: Inclusão, Pedagogia Social, Pandemia.

INTRODUÇÃO

¹ Possui curso Normal, em nível médio, SEDUC - CE. Licenciado em Letras pela (UNESA). Especialista em Alfabetização das Crianças das Classes Populares (UFF). Especialista em Pedagogia Social (UFF). Mestrando em Educação - UFF. Atua como professor da educação básica. Pesquisador em Pedagogia Social e professor orientador de portfólio do curso de extensão em Pedagogia Social – PIPAS/UFF. E-mail: alvesdasilva.educa@gmail.com.

² Aluna do curso de extensão em Pedagogia Social para o século XXI – PIPAS/UFF.



No atual contexto pandêmico, muitas atividades não deixaram de ser exercidas, bem como os trabalhos acadêmicos também não pararam em muitas universidades país a fora. Nesse sentido, o curso de extensão em Pedagogia Social juntamente com o seu grupo de pesquisa resolveu dar continuidade às suas tarefas, pois acreditamos que esta também se tornaria uma atividade essencial nesse período tão complexo.

Dessa forma, o curso de extensão em Pedagogia Social para o século XXI, que antes acontecia no presencial passou a ser a distância, desde o início da pandemia no ano de 2020. E no ano seguinte, o curso continuou com suas atividades a distância, no mesmo formato do ano anterior, só que com outros desafios. Um deles foi a participação de uma cursista com deficiência visual, o que chamou bastante atenção, pois sabemos das dificuldades ainda encontradas no processo de inclusão, principalmente nas universidades e em cursos de formação continuada.

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre o processo de inclusão no curso de extensão e os desafios encontrados em aulas não presenciais por meio de ferramentas tecnológicas. Para tanto, tornou-se necessário aprofundar o conhecimento acerca da inclusão a fim de tornar possível a participação de forma satisfatória de pessoas com deficiência e com dificuldades no manuseio das novas tecnologias, principalmente em um período atípico causado pela pandemia, onde a maioria das pessoas acabaram passando por momentos difíceis por causa de perdas muito próximas.

A metodologia utilizada neste estudo consiste na pesquisa de campo e pesquisação, através de observações durante as atividades desenvolvidas pela cursista com deficiência, bem como os relatos das barreiras encontradas em alguns momentos no curso. Para o aprofundamento da temática, foi necessário buscar no referencial teórico ampliar o conhecimento sobre a questão com abordagens sobre a inclusão, além de consultar os marcos legais da educação inclusiva.

O presente artigo se justifica pela necessidade de se repensar práticas de inclusão nos cursos de extensão e formação continuada, uma vez que é percebido uma grande dificuldade de pessoas com deficiência de participarem efetivamente das atividades que envolvem as novas tecnologias. Além das pessoas com deficiência, outras pessoas que também possuem dificuldades com as novas tecnologias precisam de maior auxílio, pois



muitos desistem por não possuírem habilidades nas ferramentas digitais, ou por não terem um suporte maior para auxiliá-los nas tarefas a distância.

Os resultados foram satisfatórios, apesar das grandes dificuldades durante o período do curso, por se tratar de curso de extensão que antes acontecia de forma presencial e precisou se adaptar ao atual contexto da pandemia juntamente com os seus professores palestrantes e cursistas. No entanto, essa nova realidade e a grande procura pelo curso, em especial por pessoas de diferentes grupos sociais e uma grande diversidade, fez com que fosse possível refletir sobre a melhor forma de incluir a todos nas atividades e garantir que os cursistas continuassem no curso, bem como a participação em outros eventos que envolva a Pedagogia Social.

PIPAS E A INCLUSÃO

O projeto PIPAS³, em quase duas décadas de existência na Universidade Federal Fluminense, ao longo do tempo se deparou com um público bem diversificado, com suas diferenças políticas, religiosas, dentre outras. Nesse sentido, o curso de extensão em Pedagogia Social para o século XXI, sempre abraçou os mais vulneráveis e promoveu formação para um público diverso, que se mostrou interessado pelas questões sociais e justiça social, ou seja, pelas causas dos menos favorecidos na sociedade.

Dessa forma, a inclusão também se fez presente nas mais diferentes ações realizadas pelos professores palestrantes e cursistas, quando nas ações sociais desenvolvidas são relatados uma variedade de possibilidades de tornar possível o que parece difícil ou impossível, como por exemplo dedicar-se a ajudar o próximo a se tornar parte de uma realidade mais digna, quando o sujeito se sente parte daquilo que é excluído pela sociedade. Sobre esse aspecto, as ações ajudam a tornar a palavra inclusão mais abrangente, ao se tratar de uma inclusão que se refere a inclusão social, inclusão digital, educação inclusiva e outras mais.

E por esse motivo não seria diferente falar de inclusão ao se referir às deficiências, mais especificamente ao deficiente visual no curso. Considerando que este seria um

³ Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão de Formação Inicial e Permanente de Educadores de Crianças em Situação de Vulnerabilidade Social.



grande desafio, pois grande parte das atividades desenvolvidas são visuais, gestuais e, muitas vezes exige a proximidade do ser humano e deslocamento, nas aulas práticas. Apesar das dificuldades no processo e suporte para tornar possível o acompanhamento satisfatório desse sujeito durante a realização do curso, considera-se esse o começo de uma nova fase do curso, que faz-se necessário pensar e repensar novas possibilidades de incluir cada vez mais a todos e a todas, independentemente de suas condições físicas, sociais, econômicas etc.

Sobre esse aspecto, o curso PIPAS em 2021 abraçou ainda mais forte a causa da inclusão, pois uma cursista com deficiência visual estava participando das atividades de forma remota. E um dos primeiros contatos entre orientador e cursista foi da seguinte mensagem enviada via WhatsApp: “não tive oportunidade de falar, mas sou deficiente visual. E o programa do telefone não faz leitura de imagem.” Foi o primeiro alerta de que era necessário pensar em possibilidades mais acessíveis na hora de elaborar o material para os cursistas, uma vez que, na sua maioria, era um material pensado para um público que não possuía deficiência visual.

A partir daí, os cuidados com o material e um apoio especial à cursista foi dado, além de um acompanhamento e escuta sobre as atividades e a melhor forma de recebê-las. Para que a cursista continuasse realizando as atividades propostas, inclusive desse continuidade a realização do trabalho de conclusão do curso. E esse foi o início de um momento de muito aprendizado, tanto para a cursista quanto para o orientador, pois esse desafio passou a ser compartilhado entre ambos.

Dessa forma, reforça-se que a Pedagogia Social está em todos os espaços, dentro do contexto escolar e fora dele, com um público bem diversificado, onde as diferenças devem ser respeitadas, as particularidades de cada sujeitos valorizadas, junto com suas histórias de vida e superação das vulnerabilidades.

O RELATO DE NILZA MARTINS

Meu nome é Nilza Martins, tenho 63 anos sou deficiente visual. Perdi minha visão total aos 13 anos. Parei de estudar aos 22 anos, pois já não enxergava o quadro para copiar as matérias. Quando perdi minha visão fui para o Centro de Apoio ao Deficiente Visual



de São Gonçalo - CADEVISG e lá aprendi o Braille, a informática e a arte em argila. Passei a compartilhar o que aprendi na argila com outras pessoas com a mesma deficiência e era chamada de professora, porém não tinha formação para tal título. Em 2019, profissionais e amigos da instituição me incentivaram a voltar a estudar depois de quase 40 anos.

As dificuldades são para todos, e para uma pessoa com deficiência visual ainda é maior, tanto na forma do ensino como na acessibilidade do ambiente. Retornei al estudo de forma presencial, pois acreditava que seria mais acolhida, embora soubesse de barreiras obtida por outras pessoas, eu na verdade iniciei um grande desafio.

O acesso para sala, a falta de material antecipado para acompanhar as aulas, o despreparo de pessoas para lidar com o diferente, era muito complicado.

Mas o maior desafio começa a partir da pandemia. Aulas remotas, computador o tempo inteiro, plataformas de estudo... e ferramentas que eu nunca tinha utilizado, pois ainda tenho muito que aprender em tecnologia.

A experiência nessa nova modalidade de estudo para a pessoa com deficiência visual é cheia de barreiras, contudo sei que muitas pessoas com deficiência visual conseguem uma formação. Mas para mim que retomei meus estudos e não tinha intimidade com essas ferramentas era e ainda é mais difícil.

Porém, quando se encontra o apoio do professor nas nossas dificuldades, buscamos seguir em frente. Encontrei em uma frase de Paulo Freire que diz: "Não existe docência sem discência."

E eu concordo, pois é um processo onde tanto o professor quanto o aluno aprendem. Por que o interesse em aprender é meu, mas, se o professor não tiver interesse, a quem ele vai ensinar?

Mesmo assim, me desafio a participar de cursos online com lives ou envio de material por link, para melhorar meu aprendizado. Nem sempre consigo um acesso nas plataformas indicadas pelos cursos escolhidos, muitos deles são criados para videntes. Os programas de leitor de telas para o computador e para o telefone são limitados, não fazendo leitura de figuras, imagens, gráficos, fotos e xerox. Existe também documentos em DOCx (WORD) que podem ser transformado em texto, já o PDF se for xerox o programa não lê. Ao transformar um documento para texto, se estiver em colunas é outra



dificuldade, a leitura fica da seguinte forma, a primeira linha da coluna 1 é lida junto com a primeira linha da coluna 2, e assim por diante, deixando a leitura sem entendimento algum.

Quando a dificuldade é muita recorro a um amigo ou busco o responsável pelo curso, porém nem sempre recebo o auxílio necessário. A formatação de um documento também faz parte das minhas dificuldades, pois já ouvi de pessoas com mais experiência na informática o relato da dificuldade encontrada para essa atividade. As pesquisas também são difíceis, pois encontramos muitas informações inadequadas, e os sites seguros trazem uma chave que para nós deficientes inexperientes, é mais uma barreira.

Para Brandão (2005), ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um ou vários modos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com educação.

Não tenho intenção de desistir, embora em alguns momentos aparece um desânimo, mesmo sabendo que é difícil para todos. É desanimador quando não tenho material para leitura, não consigo realizar uma pesquisa, e não consigo fazer outras pessoas entenderem as minhas dificuldades.

A educação para Paulo Freire, é ainda práxis, isto é, segundo Paulo Freire, a educação deve ser uma profunda interação necessária entre prática e teoria, nesta ordem.

Porém muitas vezes me vejo diante de pessoas que tem muita teoria e pouca prática. Os desafios aumentam a cada período, mas, me desafio a todo instante, com cursos pedagógicos para aumentar meu conhecimento. Se não consigo pegar o material, busco ajuda para poder receber em um formato acessível. Leio, respondo, e quando não consigo retornar com minha resposta dentro da ferramenta enviada, procuro o responsável para poder enviar em um outro formato mais acessível. Quando não obtenho resposta, desisto e procuro outro curso.

O ensino a distância é como uma matéria a mais que realizo na faculdade, pois estou cursando pedagogia e ao mesmo tempo o ensino remoto.

Paulo Freire inicia abordando a liberdade no processo educativo e no contato presente nas relações humanas (relações pessoais, impessoais, corpóreas e incorpóreas),



explicando a importância de se observar a presença da pluralidade, transcendência, criticidade, consequência e temporalidade (FREIRE, 1967).

SOMOS TODOS IGUAIS E DIFERENTES

Conhecimentos e cultura, assim, no movimento dialético, ambos desempenhariam papel relevante nos processos de ensino e aprendizagem.

Para Freire,

Como um ato de conhecimento, o processo de alfabetização implica na existência de dois contextos dialeticamente relacionados. Um é o contexto do autêntico diálogo entre educadores e educandos, enquanto sujeitos de conhecimento. É o contexto teórico. O outro é o contexto concreto, em que os fatos se dão a realidade social em que se encontram os alfabetizados (FREIRE, 2011, p. 40).

O método de alfabetização defendido por Paulo Freire buscava o desenvolvimento do educando, a formação da consciência crítica e o caráter democrático da educação, portanto, propunha o ensino a partir de palavras geradoras em vez do uso de cartilhas e livros padronizados (FREIRE, 2003; BEISIEGEL, 2010; KOSSMANN e BALADELI, 2012). Como parte integrante da alfabetização, propunha utilizar em seu método conceitos de cultura, por meio de figura ou imagens simples, no qual os educandos eram questionados sobre os significados das imagens utilizadas.

A literatura sobre Freire indica que a educação além de ser considerada como ato político e não neutro representaria uma forma de transformar a realidade. Por essa razão, acreditava que a escola representava um espaço privilegiado de discussão e diálogo entre educandos e educadores em busca da libertação e da conscientização.

DESAFIOS NO PROCESSO DE INCLUSÃO

A inclusão vem sendo discutida cada vez mais na atualidade, resultado de muitas lutas pelos direitos das pessoas com deficiência ao longo do contexto histórico. Desde a Declaração de Salamanca (1994), reconhece-se a importância da educação especial e a luta pela inclusão das pessoas com deficiências. Do mesmo modo, a necessidade de políticas públicas voltadas para esse público, afim de atender às suas necessidades e acabar com a exclusão.



Apesar das conquistas dos últimos anos, ainda é possível se deparar com situações que revelam o quanto é preciso buscar melhorias no processo de inclusão, seja nas escolas, nas instituições de ensino superior, nos cursos de aperfeiçoamento ou em outros espaços onde a inclusão acontece ou deveria acontecer. É isso mesmo, “deveria”, pois observa-se ainda muitas lacunas na inclusão. Percebidas em muitos momentos e situações do cotidiano das escolas, das universidades e de outros espaços, quando profissionais se deparam com determinadas situações e não conseguem lidar com as deficiências, ou não sabem como fazer. Além da ausência de um suporte maior dos nossos governantes, através de políticas públicas mais eficientes para essas pessoas.

Nessa linha de pensamento, compreende-se que a inclusão ainda não conseguiu chegar em todos os espaços da educação, bem como ainda não há um suporte satisfatório e necessário para atender a todos e que a inclusão realmente aconteça. Ou seja, o processo de inclusão dessas pessoas ainda apresenta muitas falhas, pois as necessidades específicas de cada indivíduo nem sempre são atendidas ou contempladas. Além disso, ainda é percebido o despreparo de muitos dos profissionais que atuam com essas pessoas, sendo necessário investir mais em formação, pois é preciso conhecer as especificidades desses sujeitos, o contexto histórico da inclusão, reconhecer as diferenças e aprender o que fazer diante de cada necessidade específica.

INCLUSÃO DIGITAL

Atualmente, fala-se muito em inclusão digital especialmente por causa das grandes transformações e avanços do mundo contemporâneo. Grandes inovações se fizeram presentes no cotidiano de cada indivíduo em diferentes lugares do mundo, onde as ferramentas tecnológicas são cada vez mais uma realidade na vida das pessoas, no trabalho, para estudos, pesquisas, lazer e outros. No entanto, observa-se que ainda existem pessoas que não fazem parte dessa realidade, ou possuem dificuldades para acompanhar as novas tecnologias, muitas vezes sendo excluídas desse mundo digital.

Dessa forma, falar de inclusão digital inevitavelmente torna-se necessário falar de exclusão, uma vez que muitos ficam de fora do mundo tecnológico por muitos motivos, que vão desde a ausência de aparelhos digitais compatíveis à ausência de internet



consideravelmente boa para ter acesso aos conteúdos exigidos pelas instituições. Um problema que ocasiona a exclusão digital.

Nesse contexto, a inclusão digital consiste justamente na democratização de acesso ao mundo das novas tecnologias, bem como permite que o maior número de pessoas possam estar inseridas nessa nova realidade do mundo contemporâneo. No entanto, percebe-se que ainda há uma parcela da população que possui dificuldades no manuseio das ferramentas digitais, ou nem sequer conhecem ou não possuem alguma instrução sobre essas ferramentas tecnológicas.

Tal problemática gera discussões em torno da inclusão e exclusão digital, pois aqueles que não conseguem estar inseridos no contexto das novas tecnologias, bem como no uso das ferramentas tecnológicas são automaticamente excluídos dessa realidade. Logo, a inclusão digital teria como propósito a possibilidade de todos terem as mesmas oportunidades de acesso e manuseio dessas ferramentas. Ou seja, “para minimizar ou combater a exclusão das pessoas de uma dinâmica social caracterizada pelo uso intensivo das tecnologias de base digital, empreende-se ações de inclusão digital” (BONILLA; OLIVEIRA, 2011, p. 25).

Infelizmente, mesmo com todos os avanços dos últimos tempos, ainda é possível se deparar com um número alto de pessoas que não estão inseridas na nova era digital, ou que sentem dificuldades para acessar essas ferramentas. O que chama bastante atenção, pois o mundo está cada vez mais conectado e exige na medida que as transformações acontecem, mais e mais o domínio sobre as novas tecnologias, uma vez que elas estão em todos os lugares e fazem parte do cotidiano da sociedade, seja para trabalhar, estudar e até para momentos de lazer.

ACESSIBILIDADE NA PANDEMIA

A pandemia chegou e trouxe com ela muitas dificuldades, além das perdas tão inesperadas para todos, pois de alguma forma cada indivíduo sofreu e ainda sofre as consequências dessa nova realidade. Nesse contexto, tornou-se necessário pensar em acessibilidade nos cursos, nas escolas e em qualquer instituição de ensino que passou a desenvolver suas atividades por meio das ferramentas digitais, a fim de tornar esse



momento difícil menos complexo e possível de ser superado. Além de dar continuidade às atividades acadêmicas, que acabou sendo interrompido por causa das recomendações das autoridades de isolamento social.

Dessa forma, a acessibilidade passou a ser fundamental no período de pandemia, uma vez que essa nova realidade acabou se tornando um grande desafio para aqueles que já tinham alguma dificuldade com as novas tecnologias, pois o isolamento social exigiu de todos mudanças de hábitos, principalmente na maneira como estudamos e trabalhamos. Desse modo, as ferramentas tecnológicas foram as alternativas encontradas para que o mundo não parasse totalmente. No entanto, exige-se concentração para o seu uso, mas acabou faltando na pandemia, pois poucos conseguiam se concentrar logo nos primeiros meses.

Independentemente de alguma deficiência ou necessidade específica dos cursistas do PIPAS na pandemia, observou-se a grande dificuldade dessas pessoas de darem continuidade às atividades do curso, pois muitos se depararam com grandes obstáculos no dia a dia, seja pelo acúmulo de tarefas diárias no trabalho remoto e presencial, problemas familiares relacionados a perdas, doenças e outros motivos trazidos pela pandemia da Covid-19.

O que tem marcado positivamente o curso na pandemia é a possibilidade de pessoas de diferentes lugares poderem participar, pois antes só era possível no campus da UFF, ou em parceria com municípios do estado do Rio de Janeiro. Mas depois das atividades acontecerem a distância, o PIPAS foi longe e chegou a outros estados brasileiros, às pequenas e grandes cidades. Do mesmo modo, possibilitou pessoas que tinham dificuldades de estar presente no curso e de poderem participar das palestras no campus da UFF.

Mas, outros problemas já recorrentes no Brasil acabaram sendo barreiras para muitos cursistas, tais como a desigualdade social, a exclusão e as diferentes vulnerabilidades. Para muitos, as ferramentas digitais ainda são um grande desafio, pois ainda não dominam as funções de cada recurso tecnológico. Assim, reconhece-se que esse é um processo lento e que exige tempo, o que exige mais esforço e dedicação de todos os envolvidos no processo de inclusão.



É importante destacar mais uma vez o quanto a cursista Nilza foi fundamental no curso, uma deficiente visual que resolve procurar o curso, mesmo sabendo que seria difícil. Com todas as barreiras ainda existentes e momentos de desânimo durante o percurso, ela consegue driblar as dificuldades e realiza todas as atividades propostas, além de participar das apresentações do trabalho de conclusão (portfólio da ação social), que acontece desde o início da pandemia pelo Google meet. Sem dúvidas essa ainda é uma nova realidade para muitos, mas que aos poucos estão conseguindo se familiarizar com esses novos recursos tecnológicos. E percebemos que pessoas com deficiência também estão usando cada vez mais essas ferramentas, e passaram a ser verdadeiras inspirações para todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo traz um relato que retrata bem como a inclusão ainda merece maior atenção, embora muitas conquistas ao longo do contexto histórico da inclusão possibilitaram mudanças significativas no que se diz respeito aos direitos das pessoas com deficiência. Do mesmo modo, este relato possibilitou reconhecer as diferentes necessidades dos (as) cursistas do curso de extensão em Pedagogia Social para o século XXI do PIPAS/UFF.

Revela-se o quanto ainda é preciso melhorar acerca da inclusão, pois muitas lacunas ainda são percebidas no processo de inclusão das pessoas com deficiência. O que torna-se necessário a busca constante pelo conhecimento sobre essa temática nos mais diversos espaços, onde é preciso incluir e dar maior suporte para os que são incluídos, para que participem e se sintam parte do grupo como um todo, e não se tornem apenas agregados ao grupo e continuem com dificuldades.

Dessa forma, a experiência com a cursista Nilza se tornou um grande aprendizado, pois além de mostrar que a inclusão é possível, quando há força de vontade, dedicação e a busca constante pelo conhecimento e alternativas acessíveis, para que as deficiências sejam compreendidas e as diferenças sejam respeitadas. Além disso, que o direito dessas pessoas sejam de fato efetivado.

Conclui-se que a pandemia da Covid-19 deixou mais visível a ausência de acessibilidade e as barreiras existentes que muitas vezes não são percebidas, mas que elas sempre existiram. Dessa forma, compreende-se a necessidade de ações voltadas para a inclusão, uma vez que as dificuldades passaram a ser maiores por causa da necessidade imediata de adaptação a uma nova realidade do contexto pandêmico.

REFERÊNCIAS

BONILLA, Maria Helena Silveira; OLIVEIRA, Paulo Cezar Souza de. **Inclusão digital: ambiguidades em curso**. In: BONILLA, Maria Helena Silveira; PRETTO, Nelson De Luca. Inclusão digital. EDUFBA, 2011. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/qfgmr/pdf/bonilla-9788523212063.pdf>. Acesso em: 05 dez. 2021.

BUZZERO.COM. **Curso online de Aprenda a ensinar informática aos deficientes visuais**. Disponível em: <https://www.buzzero.com/informatica-e-internet-311/curso-online-aprenda-a-ensinar-informatica-aos-deficientes-visuais-com-certificado-10069>. Acesso em: 09 ago. 2021.

FEUFF. **Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão de Formação Inicial e Permanente de Educadores de Crianças em Situação de Vulnerabilidade Social**. Disponível em: <http://feuff.sites.uff.br/grupo-de-ensino-pesquisa-e-extensao-de-formacao-inicial-e-permanente-de-educadores-de-criancas-em-situacao-de-vulnerabilidade-social/>. Acesso em: 10 dez. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

PEREIRA, Estefany dos Santos. **O aluno com deficiência na educação de jovens e adultos**. Brasil Escola, 2020. Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/o-aluno-com-deficiencia-visual-e-a-concepcao-de-inclusao-na-educacao-de-jovens-e-adultos.htm>. Acesso em: 09 ago. 2021.

PORFIRIO, Francisco. **Paulo Freire**. Mundo Educação. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/filosofia/paulo-freire.htm>. Acesso em: 20 jul. 2021.

VENTAVOLI, Fabiola Magda Andrade. **Os recursos computacionais auxiliando os deficientes visuais**. Psicologia, 2011. Disponível em: <https://docplayer.com.br/16242365-Os-recursos-computacionais-auxiliando-os-deficientes-visuais.html>. Acesso em: 09 ago. 2021.

UNESCO. **Declaração de Salamanca**. Brasília, jun. 1994. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2021.